História revelada

Amostras de dentes e ossos de escravos recém-chegados ao Rio de Janeiro ajudam a desvendar a sua procedência

Filipe Leonel

Um trabalho de investigação arqueológica conduzido por pesquisadores da Universidade de Indiana (EUA), da Universidade de Brasília (UnB) e da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz) ajuda a desvendar a procedência de escravos recém-chegados ao Rio de Janeiro nos séculos 18 e 19. *Por uma antropologia biológica do tráfico de escravos africanos para o Brasil: análise das origens dos remanescentes esqueletais do Cemitério dos Pretos Novos* é o título do projeto. Financiado por meio de uma bolsa Cientista de Nosso Estado, da Faperj, e também contando com recursos do CNPq, um dos aspectos principais da pesquisa é a análise de isótopos de estrôncio. Tal técnica tem se mostrado uma ferramenta importante em investigações acerca da origem e mobilidade residencial de grupos pretéritos. Requerendo apenas pequenas amostras de material, a metodologia torna possível distinguir indivíduos que habitaram regiões geologicamente distintas.

"A análise do estrôncio do esmalte dos dentes permanentes, que são formados na infância e não se remodelam, pode ajudar a revelar indícios de onde viveu uma pessoa nos primeiros anos de vida", afirma o pesquisador Ricardo Ventura Santos, da Ensp/Fioruz. E ele completa: "É uma espécie de marcador geoquímico de origem. A proporção entre os isótopos funciona como assinaturas geoquímicas que dependem das características das rochas de uma dada região". O estrôncio é incorporado ao organismo, sobretudo pela alimentação e o consumo de água. Até o momento, conforme explica Ventura, análises isotópicas iniciais dos dentes de indivíduos do cemitério têm revelado grande diversidade de padrões, apontando para igual diversidade de origens geográficas. Além de Ventura, do trabalho de investigação participam a pesquisadora Sheila Mendonça, também da Ensp/Fiocruz, a bioantropóloga da Universidade de Indiana Della Collins Cook, o doutorando no Programa de Geologia da Universidade de Brasília Murilo Quintans Ribeiro Bastos e o pesquisador Roberto V. Santos, do Departamento de Geoquímica e Recursos Minerais da UnB.

Os coordenadores da pesquisa relatam que nunca foram feitas escavações contínuas na região do Cemitério dos Pretos Novos, de forma que o material analisado é proveniente de quatro buracos, com vestígios de cerca de 30 indivíduos. Em artigo publicado na *Revista de Arqueologia*, os autores do estudo relatam: "Com base em 570 dentes examinados, incluindo 411 avulsos e 159 articulados em mandíbulas e maxilas, foi possível estimar um número mínimo de 30 indivíduos, com predomínio de jovens (18 a 25 anos) do sexo masculino", algo consistente com a população preferencial para o tráfico.

Além disso, em um achado inédito, identificaram um padrão de polimento das superfícies bucais e linguais dos dentes, o que foi interpretado como prática de higiene bucal comum na África. Tal prática envolveria a masti-

gação de gravetos de certas plantas, constituindo assim mais uma evidência da origem africana dos indivíduos sepultados no cemitério. "O polimento era resultado da mastigação de plantas específicas, funcionava como pasta de dentes. Mas só há sinais da prática em recém-chegados. Depois, não tinham mais como limpar os dentes dessa forma, e os sinais desapareciam. Alguns dos que encontramos possuíam sinais bem claros, indicando que deviam ter chegado há pouco tempo. A presença de polimento dentário é compatível com a prática de limpeza pelo uso de bastões de madeira, costume amplamente conhecido na África, mas que até hoje, até onde conhecemos, não havia sido descrito nas Américas", revela Sheila Mendonça. Na América do Sul, em geral, as modificações dentárias intencionais têm sido usadas como evidências de origem africana: "No Cemitério dos Pretos Novos, alguns dentes apresentam cortes típicos e sugerem que seus portadores se originaram na África Oriental", admite.

país milhares de escravos vindos da África nos chamados navios negreiros – embarcações que exploravam o comércio de negros e os transportavam aos demais continentes. As condições desumanas e de total insalubridade nos porões dos navios, às quais os escravos eram submetidos durante a longa travessia do Atlântico, além da dificuldade de adaptação a uma nova terra, fizeram com que muitos chegassem incapacitados para o trabalho ou até mesmo sem vida nos portos de destino. O Rio de Janeiro recebeu escravos ao longo de décadas, sendo palco de episódios marcantes da história da escravidão. O primeiro local onde eram enterrados os corpos dos negros recém-chegados que morriam antes mesmo de serem comercializados – quando o mercado operava na atual Rua 1º de Março – era o Largo de Santa Rita, e a precariedade fazia com que os cadáveres, por vezes, permanecessem dias insepultos.

Em 1996, um segundo cemitério de escravos foi localizado, em um trabalho do Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB). Situado no número 36 da Rua Pedro Ernesto, no bairro da Gamboa, nele foram encontrados, a partir da reforma de uma casa construída no século 18, fragmentos de crânios e ossos humanos dentre artefatos de cerâmica, vidros, metais, entulhos e outras evidências arqueológicas, caracterizando um cemitério de negros vindos da África que não resistiram à viagem e morreram antes de serem comercializados. O sítio arqueológico era o até então esquecido Cemitério dos Pretos Novos. O local apresenta características únicas nas Américas e sua localização havia sido perdida devido ao intenso crescimento urbano que sucedeu a seu fechamento oficial, em 1830.

O cemitério, criado em 1760 pelo Marquês do Lavradio, seria majoritariamente de africanos recém-traficados para o país, daí a expressão "pretos novos", o que constitui uma memória importantíssima e, ao mesmo tempo, um testemunho do processo histórico. Estima-se que o local abrigou mais de 20 mil corpos até ser fechado por causa de reclamações dos vizinhos, temerosos dos "miasmas" exalados pelos cadáveres "à flor da terra", e da suspensão do tráfico, o que não impediu a sua continuidade ilegal.

O Portal Arqueológico dos Pretos Novos mostra que o comércio de escravos trouxe para o Brasil etnias distintas, sendo a maioria proveniente de regiões da África Ocidental, Central e Oriental, predominando os de origem bantu, que falavam idiomas como o umbundo, o quimbundo, o kicongo, o nagô e o macua. "No século 18, as embarcações saíam com mais frequência de Angola. A cidade de Luanda foi a maior exportadora de escravos. No Rio de Janeiro, predominavam as principais etnias: mina, cabinda, congo, angola (ou luanda), kassange, benguela e moçambique. Gabão, anjico, moange, rebola, kajenge, cabundá, quilimane, inhambane, mucene e mombaça eram menos numerosas", afirmam os historiadores do portal.

▶ **Pesquisadores analisam ossos encontrados no antigo cemitério carioca**

Baseado nos diversos achados, o estudo conclui que a diversidade de causas de estrôncio encontrada no material recuperado no Cemitério dos Pretos Novos é consistente com os dados históricos que apontam para origens diversificadas dos escravos, contribuindo, assim, para a reconstrução da história a partir da procedência dos africanos trazidos para o Rio de Janeiro.

Uma triste história

O tráfico negreiro, introduzido no Brasil a partir do século 16, trouxe ao